



REVISTA DA ANINTER-SH

Volume 1, 2024 – Artigo: 23

ISSN: 2965-954X

Received: 07/12/2023

Accepted: 02/04/2024

D.O.I. <http://dx.doi.org/10.69817/2965-954X/v1a23>

AS PERFORMANCES DA CAPOEIRA COMO PRÁTICAS DE SI

CAPOEIRA PERFORMANCES AS PRACTICES OF THE SELF

Maria do Perpétuo Socorro Silva de Sousa

Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA/Unifesspa. E-mail: mpsousarb@gmail.com

Idelma Santiago da Silva

Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás – UFG, Professora do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA/Unifesspa. E-mail: idelma@unifesspa.edu.br

Resumo: Este artigo apresenta uma compreensão das performances da capoeira como práticas que compõem o ser capoeira, um processo de subjetivação que envolve conhecer a si mesmo enquanto sujeito no mundo. Com base em Michel Foucault, Nestor Capoeira, Grada Kilomba, Leda Martins e outros, questiona-se o que são e como se caracterizam as práticas de si nas performances da capoeira e como estas artes de viver desenvolvem sujeitos contra a sujeição. Outrossim, como a capoeira ganha espaço e dá sentido à vida de seus praticantes, se tornando o que eles definem como filosofia de vida, influenciando na escolha de suas profissões, na formação de suas personalidades, suas histórias de vida, a forma de se verem e se relacionarem com o outro, consigo próprio e com o ambiente em que vivem.

Palavras-chave: capoeira; performances; subjetivação. práticas de si.

Abstract: This article presents an understanding of capoeira performances as practices that make up being capoeira, a process of subjectivation that involves knowing oneself as a subject in the world. Based on Michel Foucault, Nestor Capoeira, Grada Kilomba, Leda Martins and others, we question what the practices of the self are and how they are characterized in capoeira performances and how these arts of living develop subjects against subjection. Furthermore, how capoeira gains ground and gives meaning to the lives of its practitioners, becoming what they define as a philosophy of life, influencing their choice of profession, the formation of their personalities, their life stories, the way they see themselves and relate to others, to themselves and to the environment in which they live.

Keywords: capoeira; performances; subjectivation; self practices.

Para Graduado Tucuruí (*in memoriam*)

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma compreensão das performances da capoeira como práticas que compõem o ser capoeira, um processo de subjetivação que envolve conhecer a si mesmo enquanto sujeito no mundo. Nela as performances são diversos aspectos que caracterizam a capoeira de forma visual, corporal, estética e subjetiva, como por exemplo: o canto, o ritmo, o jogo, a história da capoeira, os fundamentos e rituais, mas não são apenas isso. Como a capoeira ganha espaço e dá sentido a vida de seus praticantes, se tornando o que eles definem como filosofia de vida, influenciando na escolha de suas profissões, na formação de suas personalidades, suas histórias de vida, a forma de se verem e se relacionarem com o outro, consigo próprio e com o ambiente em que habitam, conseguindo atuar subjetivamente, como processos formativos, proporcionando uma performance simbiótica, às vezes harmônica, às vezes conflitante, entre resistência, adaptação, aprendizagem e liberdade, são questões a serem tratadas neste trabalho.

Este estudo tem o objetivo de descrever os processos de subjetivação através das performances da capoeira como dinâmicas de adaptação e resistência, num estudo realizado com capoeiristas na cidade de Tucuruí, Estado do Pará, uma cidade submetida a um modelo de desenvolvimento indiferente em relação à cultura local. De maneira mais específica, busca-se identificar e interpretar como as performances da capoeira se constituem como artes de existência, desenvolvendo em seus sujeitos conhecimento e cuidados de si e ao mesmo tempo, atuando como práticas de resistência contra a sujeição. Descrever os cuidados de si, constituídos através das performances da capoeira e como esses cuidados desenvolvem comportamentos e estilos de vida nos sujeitos capoeiristas, que vão além da roda de capoeira.

Os conceitos de processos de subjetivação, artes da existência, cuidados ou práticas de si, embora sejam trabalhados a partir de Michel Foucault (1997), não se pretende que funcionem como um enquadramento fechado para a abordagem da capoeira. Além de reconhecer que esse autor em seus estudos não faz referência nenhuma aos povos e expressões das culturas afro-brasileiras, entende-se que esta ação seria contraditória à característica, aqui defendida para a capoeira, como sendo ela própria, elemento que propõe conhecimento, técnica e fundamentação. Contudo,

os conceitos mencionados podem ser mobilizados para uma aproximação compreensiva da capoeira pertinente aos objetivos da presente pesquisa.

Foucault (2004) analisa sobre as relações de poder e como estas constituem jogos de verdade, formas de controle e internalização de regras de comportamento sobre o sujeito e como este sujeito, ao refletir sobre si mesmo, se reconhece como sujeito de desejos, o que o impulsiona a reelaborar para sua resistência estes mesmos jogos de verdades, transformando-os em práticas de si, também definidas pelo autor como artes de existência ou técnicas de si, como uma reelaboração de si e de outros.

São as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos, regras de condutas, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilos (Foucault, 2004, p. 198).

Influenciado pela obra de Foucault o sociólogo britânico Nikolas Rose (2012), ao estudar os processos de subjetivação, argumenta que os modos pelos quais constituímos nossa subjetividade dependem das construções sociais, do contexto cultural, geralmente disciplinar, de tal forma que essas construções e contextos influenciam novos sentidos e estilos de vida onde logicamente as subjetividades também podem ser diversas.

Poderemos compreender melhor as práticas de subjetivação se as concebermos em termos das complexas interconexões, técnicas e linhas de força que se estabelecem entre componentes heterogêneos, incitando, tornando possível e estabilizando as relações particulares conosco mesmo, em locais e lugares específicos. As tecnologias da subjetivação são, pois, as maquinações, as operações pelas quais somos reunidos, em uma montagem, com instrumentos intelectuais e práticos, componentes, entidades e aparatos particulares, produzindo certas formas de ser-humano, territorializando, estratificando, fixando, organizando e tornando duráveis as relações particulares que os humanos podem honestamente estabelecer consigo mesmos (Rose, 2012, p. 176).

O presente estudo evidenciou que os significados existentes na capoeira, como manifestação cultural de povos africanos que foram colonizados e escravizados, são repletos de conhecimentos técnicos, sistematizados e de grande valor. Contudo, ainda enfrenta preconceitos no próprio meio acadêmico-científico, como por exemplo a tentativa e o risco desnecessário, de não se levar em conta as possíveis vivências práticas de quem adentra o meio acadêmico, quase sempre como objeto de pesquisa, mas que passa a reivindicar o direito de ser ele próprio o pesquisador e escritor de sua cultura.

Ao propormos estudar a capoeira como performance, não significa que ela tenha que ser definida unicamente nesse âmbito. Não pode e nem deve, mas significa uma possibilidade de defini-la além das questões fisiológicas, esportivas e metodológicas na educação, sendo trabalhada dentro de uma perspectiva interdisciplinar de conhecimento. O conjunto de elementos, composto pelo canto, ritmo, jogo, história da capoeira, fundamentos e rituais, é apenas um recorte, realizado pelas autoras, no intuito de delimitar as performances, conforme a necessidade da própria pesquisa. Portanto, não se constituem uma lista fixa e muito menos uma regra a ser seguida, podendo outros elementos serem abordados como performances, e estes nomeados de maneira diferentes, por outros pesquisadores da capoeira. Também é importante compreender que estes elementos não se dissociam, eles não se isolam em sua realização e representação e nem tampouco nos seus significados.

2. Metodologia

Em seu estudo sobre a trajetória de uma filosofia africana da educação Eduardo de Oliveira (2003, p. 292) ressalta a referência às fontes como ponto de partida: “Para mim a fonte está para a realização da pesquisa como oxigênio para a vida. [...] Assim é a fonte de onde emergem nossos princípios, problemas, motivações, desejos e atitudes”. Destacamos a roda de academia de capoeira como a fonte fundamental, inclusive para destacar a participação de uma das autoras, simultaneamente, como capoeirista e pesquisadora. Dessa forma, uma das fontes desse trabalho é a vivência prática da capoeira, envolvendo as rotinas de treinos, rodas, viagens e cursos externos, convivendo com capoeiristas, estudando e ouvindo os ensinamentos dos mestres, combinadas às observações assistemáticas dessa mesma autora.

Dentre os Mestres, temos em Nestor Capoeira uma inestimável contribuição, não apenas através do jogo, jogado no chão da roda, mas principalmente por seu jogo através da escrita, por meio da qual destacou um espaço necessário a ser preenchido, que é o escrever sobre a capoeira pelo próprio capoeirista, como uma reafirmação necessária à rebeldia da própria capoeira, assim como para rechaçar seu enquadramento nos estudos de folclore (Capoeira, 1985). Essa reivindicação de ocupar o espaço da elaboração intelectual sobre a capoeira visa deslocar-se do lugar de objeto descrito e se opor a legitimizações de *outridade* (Kilomba, 2019), potencializando o volume de vozes sobre as histórias e culturas afro-brasileiras.

Outra fonte refere-se à escuta dialógica (Portelli, 2016) com capoeiristas, tendo como técnica entrevistas orais semiestruturadas. Essa fonte é coerente com um trabalho que aborda processos de subjetivação pois, conforme Portelli (1996, p. 61), nas fontes orais “a subjetividade existe e constitui além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos”. Desta forma, cabe ao exercício de interpretação evidenciar a riqueza de conhecimento proporcionado pelas fontes orais. Para tanto, recorreremos às contribuições metodológicas e epistemológicas da história oral não somente para a produção da fonte, mas também para sua análise.

Segundo Paul Thompson (2002) a história oral ao possibilitar a escuta das pessoas, bem como o registro de suas memórias e experiências, possibilita, por consequência, interpretações outras da história e das mudanças na sociedade e na cultura. Destaca ele: “A história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas, porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas nos arquivos” (2002, p. 16). Portanto, a história oral tem como característica, na teoria e na prática, ser abrangente no sentido de poder tratar sobre qualquer coisa, mas por possuir um foco temático: “a combinação entre a prevalência da forma narrativa, de um lado, e a pesquisa por conexão entre biografia e história, entre experiência individual e as transformações da sociedade, de outro” (Portelli, 2001, p. 13).

Por não se constituir numa disciplina compartimentada, a história oral é essencialmente interdisciplinar (Thompson, 2002). Esse é um outro motivo que a torna pertinente à presente abordagem, pois quando se tem a percepção de que a capoeira é jogo, é dança, é brincadeira, é esporte, é luta, num sentido de arte marcial ou num sentido de libertação, é necessário reconhecer que seu estudo vai envolver um esforço interdisciplinar.

Neste trabalho abordamos entrevistas orais realizadas com três capoeiristas, homens, com mais de 20 anos de prática e vivência na capoeira, sendo esse um dos critérios de seleção dos entrevistados, acrescido do fato de serem participantes de uma mesma escola de capoeira, nesse caso, uma academia da Abadá Capoeira, na cidade de Tucuruí, Estado do Pará. Ressalta-se que uma das autoras deste estudo também é capoeirista integrante dessa escola. São eles: *Professor Mola*, 44 anos de idade na data da entrevista, professor de capoeira e de educação física, entrevista concedida em 14 de fevereiro de 2020, em sua residência no Bairro Vila Permanente;

Professor Blindado, 48 anos de idade na data da entrevista, professor de capoeira e de matemática, entrevista concedida em 02 de março de 2020, na escola pública estadual onde trabalha; *Graduado Tucuruí* (falecido em 2024), 54 anos de idade na data da entrevista, bacharel em Administração, entrevista concedida em sua residência no bairro Vila Permanente, no dia 17 de fevereiro de 2020.

A cidade de Tucuruí, localizada na região sudeste do Pará, distante a 350 km da capital Belém, tem como seu principal símbolo a usina hidrelétrica que tem seu nome e que gerou, além da energia e do imenso lago da barragem, uma população com características culturais bastante diversificadas, devido ao significativo número de migrantes de todas as partes do país, que vieram à localidade motivados, principalmente, pela busca de trabalho nas obras desse empreendimento que, por outro lado, promoveu a expulsão de populações indígenas de suas terras ancestrais. Esse é o contexto das histórias de vida de nossos interlocutores, inclusive sendo todos migrantes, oriundos da região nordeste do país, mais especificamente, do Maranhão.

Por fim, o presente estudo se apoia no diálogo com a literatura que aborda o tema em discussão. Destaca-se que não será possível, nesse trabalho, aprofundar uma compreensão de cada um desses elementos¹.

3. As performances da capoeira como práticas de si

Se a performance tem como sua característica ser múltipla em suas realizações, assim também é a capoeira, podendo se apresentar como luta, jogo, literatura, oralidade (história), dança, canto, ritmo, ou o que mais o momento determinar que ela precise ser. Esta interpretação sobre a capoeira nos remete aos estudos de Zumthor (2014) sobre performance, onde ele descreve sobre o aspecto fundamental de comunicação que a performance incorpora, a capacidade que a performance tem de ultrapassar a sua duração, tornando-se imprevisível em sua extensão e impacto. Além disso, argumenta sobre a coexistência da escrita com a oralidade, onde estas duas podem conviver sem que uma precise se sobrepor a outra.

¹ Uma leitura mais completa poderá ser encontrada em: SOUSA, Maria do Perpétuo Socorro Silva de. *As performances da capoeira como práticas de si: subjetivação e resistência na roda com capoeiristas de Tucuruí-PA*. Dissertação (Mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia). Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Marabá, 2021.

A capoeira consegue se valer de vários meios, que não estão contidos apenas no jogo em si, embora isso possa estar no centro das atenções. O canto, o ritmo, os fundamentos, a história, os rituais todos são elementos que permitem a comunicação dos jogadores no centro da roda com os demais que estão na formação da roda, com o conjunto musical e logicamente com a plateia expectadora. A resistência da capoeira até os dias de hoje, por mais que tenha se expandido por vários países do mundo, convivendo com as mais diferentes culturas e idiomas, mas ainda assim conseguindo manter suas características tradicionais, expõe sobre a capacidade de comunicação que ela permite, algo que ultrapassa os limites da simples duração da roda, possibilitando uma série de aprendizados sobre si mesma e outros fatores que envolvem o fazer e ser capoeira.

Martins (1997) nos apresenta o termo oralitura para a performance, abarcando tanto os aspectos de comunicação, representação, escrita, oralidade, corporeidade que já são da performance, mas voltados especificamente para a realidade afro-brasileira.

O termo oralitura nos remete ao que indica a presença de um traço cultural estilístico, mnemônico, significante e constitutivo, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Oralitura é do âmbito da performance, sua âncora, uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou dos vôlejos do corpo. (1997, p. 21)

A mesma autora explica que oralitura não se limita apenas aos rituais, mas abrange todas as práticas que expressam os registros dos saberes pela via das corporeidades, envolvendo assim um número muito grande de práticas performáticas que se inscrevem através do corpo, sendo este destacado como um lugar de construção, registro, produção e disseminação de saberes. Práticas estas que nos propõe o desafio de expandir nossa limitada compreensão de mundo, sob um ponto de vista hegemonicamente branco e eurocentrado, quanto a construção, registro, produção e disseminação de conhecimentos. Martins (1997) exemplifica as tensões recorrentes entre escrita e oralidade, como uma questão a ser superada sobre o conhecimento dos brancos ocidentais, como uma contraposição aos saberes dos povos africanos. A oralitura é uma potência da performance e surge como uma categoria acadêmica, que consegue integrar esses valores, normalmente trabalhados como opostos.

Compreender a performance, expressada num termo que amplie seus sentidos, para dentro da realidade cultural afro-brasileira e, ao mesmo tempo, enfatizar o

desafio de assumir essa mesma realidade, como uma imensa área de produção de conhecimentos e saberes. É uma provocação necessária para o entendimento sobre as dinâmicas de movimentação do corpo negro afro-brasileiro, como reais esquemas performativos, que requerem técnica, tempo, dedicação, repetição como estudo, para que a prática se torne realidade, ainda que aparentemente passe uma imagem de simplicidade, o que também não deixa de ser um elemento da técnica.

Esta reflexão nos permitirá a abordagem das performances da capoeira a partir do que Foucault (1992, 1997, 2004, 2016) denominou como práticas de si. O que ele passa a dar atenção em seus estudos são as formas, os processos de subjetivação, que resultam numa noção de poder internalizada pelo sujeito. Ele se dedicou ao estudo sobre a filosofia clássica grega, onde percebeu uma série de técnicas, que funcionavam como um código de conduta, uma elaboração minuciosa, sobre como o sujeito deveria se comportar, se ver, se constituir para a construção de uma vida que lhe pudesse ser boa e ao mesmo tempo bela: “ocupar-se de si não é, portanto, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida” (Foucault, 1997, p. 47).

O sujeito será uma incessante construção, do si em relação com o outro. A própria relação que o sujeito vai elaborando de si para com o outro, através do meio que vivencia, das experiências que tem no decorrer da vida, tudo isso vai resultando em processos de subjetivação. Mas essa construção do sujeito não acontece de maneira exatamente passiva, ela pode ocorrer de maneira conflituosa, por imposição das condições do meio, de modo que se busque um estado de melhor satisfação consigo e com a vida que se leva.

Rose (2012) descreve que a corporeidade humana pode ser a força motora de um processo de subjetivação, sendo a base dos desejos, que vêm a se formar na subjetividade, em relação à sexualidade, aos fenômenos sociais de resistência à determinados padrões e comportamentos. Para esse autor, ainda que os gregos tenham criado uma sistematização, para um conjunto de técnicas e de práticas, que pudessem servir como um código de conduta, de reflexão e meditação sobre si mesmo, possibilitando o autoconhecimento e, a partir disso, uma melhor forma de conhecimento da vida, eles não foram os únicos povos a fazerem isso. Para Rose (2012) o que os gregos fizeram foi registrar a forma exemplificada de como isso pode

ocorrer, através das técnicas de governo do corpo, por meio de jogos ou práticas esportivas, além da oratória e a capacidade de se expor bem em público.

Na antiguidade clássica grega, o cuidado de si significava simultaneamente o cuidado do outro, no sentido de orientar, para que não se perdesse de si mesmo, do que é bom, belo e correto. Portanto o cuidado de si representa um meio, pelo qual se aprende formas de cuidar de si mesmo, para bem aprender a cuidar do outro.

Conjunto de práticas que certamente tiveram uma importância considerável em nossas sociedades: é o que se poderia chamar de artes da existência. Estas devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se, modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo (Foucault, 2004, p. 199).

Entre as práticas de si estudadas por Foucault, haviam os cadernos que serviam de técnica de meditação para os filósofos iniciantes, onde eles realizavam anotações, leituras e releituras, no intuito de que o conteúdo daquele objeto externo pudesse ser interiorizado, numa espécie de processo de incorporação, de assimilação dos poderes que aquelas orientações continham: saberes dos filósofos antigos que eram lidos e relidos pelos iniciantes, para que se tornassem tão bons e sábios quanto os filósofos anteriores. Outra técnica utilizada era a escrita de si mesmo, narrar a si mesmo, como uma prática de reflexão, de autoavaliação das atitudes, objetivos e resultados conseguidos. Essa escrita de si mesmo permitiria revisar os próprios comportamentos e se estes corresponderiam a uma ética comportamental adequada, a um estilo de vida que fosse não apenas satisfatório e bom para si mesmo, mas também significativo aos olhos dos outros.

Foucault (2004) pressupõe críticas externas em relação a atenção que ele vem dedicando para estas questões, deduzindo que são assuntos percebidos como de menor relevância, que podem permanecer na obscuridade. Mas o próprio Foucault reflete sobre o papel da filosofia para responder a estas supostas críticas: “Mas o que é a filosofia hoje – quero dizer a atividade filosófica – senão o trabalho crítico de pensamento sobre si mesmo? E se ele não consistir, ao invés de legitimar o que já se sabe, em tentar saber como e até onde seria possível pensar de modo diferente?” (p. 197).

A presente pesquisa enveredou pela trilha dos estudos referenciados no contexto afro-brasileiro, mais especificamente amazônico, tendo como objeto as performances da capoeira como práticas de si. Aceitamos o desafio colocado por

Martins (1997), de expandir nossa compreensão de mundo, ainda muito limitada num ponto de vista hegemonicamente branco e eurocentrado, quando nos referimos à construção, registro, produção e disseminação de conhecimentos. Pensar a capoeira com esse referencial não tem a intenção de enquadrá-la na definição de práticas de si, mas jogar com as possibilidades que ela oferece para a compreensão de si mesma. Compreender como as performances influenciam para a formação de capoeiristas, enquanto sujeitos, cidadãos, profissionais ou atletas, implica necessariamente conhecer não somente sobre a capoeira, como eles passaram a fazer parte da capoeira, é preciso também se reportar às narrativas destes interlocutores, para compreender como a capoeira passou a fazer parte da vida deles. Essas narrativas, não coincidentemente já são uma demonstração dessas práticas de si, possibilitadas por meio das performances da capoeira, um exercício de autoconhecimento e do outro, crítica e escrita de si mesmo.

A história, os fundamentos, o jogo, o canto, o ritmo, os rituais, são todos influenciadores no comportamento, no autoconhecimento e do outro, na formação de subjetividades e, por serem todos importantes, os próprios capoeiristas quando questionados sobre quais aspectos da capoeira teriam maior afinidade ou teriam chamado mais atenção na sua trajetória, respondem que têm dificuldade em definir entre um e outro, pois tudo faz parte do processo.

O aspecto mais importante que me chamou atenção foi a democratização da capoeira em relação a todas as classes sociais, porque a capoeira ela é parte da construção do cidadão, da pessoa, da construção da pessoa que você é. O que você conhece, o que você vivencia na capoeira, ela te dá esse conjunto, de que no final ela te faz mais forte (Graduado Tucuruí, 2020).

A gente sabe que o meio social, ele é bombardeado pela mídia e o capoeirista ele acaba sendo influenciado por essa mídia, mas ao mesmo tempo ele é influenciado, eu diria pela história da capoeira, a cultura da capoeira, então querendo ou não ele é um lutador (Professor Blindado, 2020).

No início da minha trajetória foi a parte da luta que me chamou atenção e hoje em dia é a parte de inclusão. Como que as pessoas estão entrando na capoeira hoje né, como que a capoeira tá se divulgando, tipo a inclusão que a capoeira tá dando para todas as pessoas (Professor Mola, 2020).

Os cuidados de si aparecem na reflexão de Foucault no estudo sobre o Alcebiades², onde ele destacou três questões que se relacionam com essas práticas,

² Com notável inteligência, poder de estratégia, além de grande ambição e beleza, Alcebiades foi um jovem ateniense de origem nobre, que se destacou como político durante o século V a. C., foi amigo próximo do filósofo Sócrates aparecendo em dois diálogos de Platão, um é o célebre O Banquete, onde surge bêbado e aclamando Sócrates e outro que recebe seu próprio nome.

sendo elas a política, a pedagogia e o conhecimento de si. A política, contextualizada nesta relação de cuidados de si, pode ser entendida num sentido de governar para o bem comum, organizar ou direcionar para que todos vivam bem, para que se atinja bons resultados, para isso é necessário a participação de um mestre, em quem se possa apoiar para não se perder nesses objetivos.

Nas narrativas dos capoeiristas entrevistados é possível perceber sobre a importância, quando não do mestre, mas pelo menos alguém mais experiente em conhecimento teórico e prático, que tivesse um mínimo de compreensão quanto aos fundamentos da capoeira. Quando não foi possível a presença física constante desse mentor, mas que ele se fizesse presente de alguma maneira orientando, direcionando e definindo a melhor forma de organização.

Eu mesmo sou conhecido como professor, muita gente me chama de professor, pessoas que eu nem lembro, que eu dei poucas aulas e às vezes que eu dei aula muito pouco em sala de aula, mas eu sou conhecido como professor, então isso de uma certa forma abriu muitas portas apesar de não ter sido fácil isso. Teve que lutar muito pra isso, mas a gente conseguiu esse respeito através da capoeira (Graduado Tucuruí, 2020).

Eu tive uma adolescência normal e em meio a isso também tinha umas confusões, essas coisas sempre estavam presentes e talvez por isso até que eu procurei a capoeira. Ao passar do tempo que a gente vai vendo, que a luta em si não tem nada a ver com isso, aí o professor vai orientando, mas no começo eu dei muito trabalho para meu professor (Professor Mola, 2020).

A presença de um mestre/professor ou orientador, não é uma necessidade exclusiva dos capoeiristas de Tucuruí, isso é algo fundamental na capoeira de um modo geral, fazendo parte do contexto histórico e das tradições culturais que entrelaçaram a gênese da capoeira. Ainda que existam grandes diferenças entre os mestres da antiguidade clássica estudados por Foucault e os atuais mestres das culturas orais, em ambas as situações, é importante alguém que possa fazer esse papel de orientação e direcionamento.

A trajetória histórica nos mostra que por mais que a capoeira pudesse ter sido aprendida diferentemente de uma aula sistematizada, tal como vemos hoje nas academias, porque a academia enquanto espaço de saber e conhecimento poderia ser os mais diversos espaços e contextos, mas geralmente havia a figura de um mestre, alguém que se dispunha a dar atenção, a ensinar como se fosse um apadrinhamento, um exercício de discipulado ou simplesmente a necessidade de compartilhar o conhecimento, para que se mantivessem vivos os saberes.

O surgimento das academias de capoeira, independentemente da escola a que estivesse ligada, também demonstram o quanto foi importante o direcionamento de um mestre para entender sobre a necessidade de organização, para que a capoeira pudesse sair da situação de criminalização. A história da capoeira nos mostra que essa organização, a resistência, os contatos, a possibilidade de uma renda e até o interesse pelo poder, não são fatores que ocorreram exatamente com o surgimento das academias, as maltas vieram antes e suas principais lideranças no Rio de Janeiro se transformaram em lendas, devido aos adjetivos de força, prestígio, valentia e articulação política que envolvia a liderança de uma malta.

Afirmar sobre o interesse pelo poder vai contra uma possível romantização da capoeira, enquanto insurreição contra um sistema, porém não se pretende gratuitamente ir contra o caráter de resistência, que embasa toda a história da capoeira e do povo negro no Brasil, mas demonstrar que na capoeira, assim como em qualquer outro ambiente, tem pessoas com interesses escusos, ou seja, qualquer ambiente que seja formado por humanidade. Humanidade que foi negada por muito tempo aos povos de origem africana e às suas manifestações culturais, que incluem a capoeira.

A leitura de Soares (1999) nos leva a entender que, no caso das maltas, os interesses pelo poder poderiam explicar as divisões que havia entre os grupos, provocando medo e terror na sociedade da época, porém os interesses não tão escusos demonstravam que a demarcação de territórios distintos entre os grupos servia para demonstrar força contra a perseguição policial, que aliás era um mal comum a todos os grupos.

Essa divisão das principais maltas entre os maiores partidos do Império definia uma estratégia específica, que garantia a perene permanência das maltas contra as investidas frequentes da ação policial. Transformados em braços armados dos dois polos de poder do regime, Nagoas e Guaiamuns garantiram sua própria sobrevivência frente às intempéries políticas do segundo reinado (Soares, 1999, p. 61).

Esse autor descreve que a escolha das lideranças não escapava a uma “boa dose de consenso do grupo” assente num escrutínio de bravura e habilidade inigualáveis. O surgimento de uma liderança, não era uma simples questão de escolha e imposição, mas de reconhecimento, assim como a permanência, que também requeria um reconhecimento pelo grupo, portanto havia um cuidado mútuo,

da liderança para com o grupo e do grupo para com a liderança, um não se fazia sem a participação do outro.

Foucault (1997) descreve que um dos princípios constituídos nos cuidados de si é a impossibilidade de ocupar-se de si sem a ajuda de um outro. A história da capoeira, assim como as narrativas dos capoeiristas de Tucuruí demonstram sobre o quanto foi fundamental procurar, reconhecer e contar com boas lideranças, não somente para que eles pudessem seguir como capoeiristas, mas para que a capoeira como um todo pudesse seguir.

Outra questão destacada, inerente às práticas de si, diz respeito a pedagogia. Os cuidados de si objetivavam complementar a pedagogia, no sentido tradicional grego de condução, dentro de uma determinada trajetória. Tratava-se dos cuidados de si possibilitarem uma formação, o que significava mesmo substituir essa pedagogia, enquanto sistema de acompanhamento e vigilância, propiciando a pessoa uma certa autonomia. O que a pedagogia não havia conseguido alcançar de convencimento e formação da pessoa criança/jovem, as práticas de si conseguiam alcançar na pessoa adulta.

A capoeira mesmo não tendo pretensão nenhuma de substituir a pedagogia institucional, acaba de certa maneira por assumir esse papel. As performances, adotadas neste trabalho como práticas de si, possibilitam a percepção do caráter formativo da capoeira. Conhecer a história, além das versões oficiais, durante muito tempo propagada, principalmente nos livros didáticos, enfatizando uma subalternidade e inferioridade dos povos negros, é um processo de desconstrução que ainda vai levar muito tempo. Neste processo a capoeira tem grande importância, sendo um fator de motivação para as pessoas negras passarem a contar a própria história, quer tenha sido no início através da oralidade, na proximidade entre mestre e aluno ou nas rodas e cantigas de capoeira e, posteriormente, na escrita dos livros.

Foucault (1997) descreve no *Alcebiades* três funções que firmam a prática dos cuidados de si, rompendo com uma pedagogia condutora, vigilante e impositiva, possibilitando um processo de autoconhecimento e construção contínua, uma formação que vai acontecer por toda vida e propiciar uma certa autonomia, ou porque não dizer, liberdade, valor essencial no desenvolvimento de qualquer ser humano.

A primeira função é a crítica, onde “desaprender é uma das tarefas mais importantes da cultura de si” (Foucault, 1997, p. 47). É preciso conseguir identificar e

se desfazer de aprendizados equivocados, desconstruindo maus hábitos e no que se refere a trajetória histórica da capoeira, assim como dos povos africanos escravizados no Brasil de um modo geral, são exemplos de como a história pode ser registrada de uma forma enganosa, pois tradicionalmente foi narrado apenas um lado da história, exatamente o de quem escravizou, provocando danos e perdas, cabendo aos grupos que foram prejudicados, questionar e desconstruir essa história. No caso específico da trajetória dos capoeiristas de Tucuruí se percebe a dificuldade, mas também a autocrítica deles em relação ao desconhecimento quanto a história local, uma vez que ao se sentirem pertencentes à esta localidade compreendem a necessidade de se apropriarem mais sobre esse assunto.

Outro aspecto válido a ser considerado nas narrativas foi sobre a importância que a capoeira teve nas suas formações, inclusive profissionais. Destacam o quanto a capoeira foi fundamental em seus processos de autonomia e melhoria de vida, inclusive dentro da própria capoeira, por lhes permitir sair em busca de integração com outros capoeiristas e aquisição de conhecimento. No aspecto familiar, por lhes permitir o sustento necessário e reconhecimento perante a sociedade local, onde se constitui uma imagem positiva, de boas referências com base em suas formações e atuações profissionais.

Boa parte da minha formação, da minha politização ela veio através da capoeira. Eu comecei a questionar a política ou observar melhor (...) a consciência política que eu tenho hoje, ela começou ali, quando eu passei a entender o tanto que a política afeta a vida do cidadão (Graduado Tucuruí, 2020).

Eu diria até que é a necessidade de ter condições financeiras para viajar, pra me desenvolver mais com a capoeira, acabou se tornando também um fator, eu diria até decisivo, para eu me desenvolver dentro da escola, adquirir uma formação, arrumar um trabalho (Professor Blindado, 2020).

Carvalho (2010) nos coloca que a capoeira enquanto manifestação sociocultural está inserida numa realidade de valores, regida pela produção capitalista, porém o contexto histórico de sua criação comprova que a sua existência, por si só, já é um modelo de contestação e resistência contra uma sociedade opressora em relação aos valores diferenciados do Outro: “a posição negadora frente ao modelo de sociedade e produção escravagista, assumida pelos negros africanos cativos, tanto contribuiu para a derrocada desse modelo socioprodutivo, quanto deu origem à capoeira” (p. 22). A abordagem de Carvalho (2010) possibilita uma reflexão em relação a prática da capoeira atualmente, contextualizada com sua trajetória histórica, sobre que caminhos

o capoeirista deveria se propor a seguir que fossem condizentes com suas necessidades pessoais, mas que também respeitasse a história da capoeira, enquanto luta de resistência a um sistema opressor.

Essa reflexão nos encaminha para a função de luta da capoeira, contexto em que a prática de si concebe a vida como um combate permanente: “é preciso dar ao indivíduo as armas e a coragem que lhe permitirão lutar durante toda a sua vida” (Foucault, 1997, p. 47). É preciso que o sujeito esteja sempre em estado de prontidão contra as armadilhas da vida que lhes possam desanimar, impedir de seguir em frente e constituir na própria vida um caminho de satisfação e beleza. Os capoeiristas entrevistados demonstram em suas falas a consciência de que a capoeira, assim como tantas outras expressões culturais, sofreu transformações ao longo do tempo e de sua história, que continua a ser escrita, entrelaçando com suas vivências e, nesse percurso, os conflitos, os receios e as necessidades diversas vão surgindo, às vezes como tropeço, às vezes como desvios no meio caminho. A capoeira pode ter/ser o recurso que motiva os capoeiristas a seguirem em frente, apesar das possíveis dificuldades que sempre vão aparecer nas rodas da vida, sejam estes problemas relacionados à capoeira ou a outras questões. As diversas performances da capoeira dão meios de se elaborar reflexões, questionamentos, interpretações e até respostas sobre a realidade vivenciada, sobre as próprias necessidades e desejos.

Na terceira função, denominada curativa e terapêutica, é preciso explicar sobre a noção existente na cultura grega quanto a palavra *pathos*, que significava tanto a paixão da alma, quanto a doença do corpo, o que permitiria aplicar tanto ao corpo, quanto a alma as mesmas expressões metafóricas de cuidar, curar e expurgar. “É preciso lembrar também o princípio [...] de que o papel da filosofia é o de curar as doenças da alma”. (Foucault, 1997, p. 47). Nesse contexto de buscar a cura tanto das doenças do corpo, quanto das doenças da alma, as práticas dos cuidados de si demonstraram ser um verdadeiro estilo de vida, uma filosofia de vida sendo cuidadosamente praticada segundo orientações e preceitos, uma construção ética de subjetividades.

É possível identificar uma relação das performances da capoeira com estas funções formadoras quanto às práticas dos cuidados de si. Mas isto seria apenas uma categorização dos termos ou uma interseção e transversalidade das performances da capoeira, em relação às práticas dos cuidados de si. Fixar as performances dentro

destas funções constituiria um risco muito grande, porque o objetivo é jogar, onde um compra com o(s) outro(s), resultando numa conversa que pode render várias possibilidades.

Considerações finais

As performances da capoeira são práticas que compõem o ser capoeira, isto é, um processo de subjetivação que envolve conhecer a si mesmo enquanto sujeito no mundo. Lembrando que o sujeito é uma eterna produção viva de si no encontro com o outro, é constituído por todas as relações ao longo de sua vida, onde por mais que a capoeira, através de suas diversas performances, seja um importante processo de subjetivação ela não é o único e nem deseja ser. Quando se adota a capoeira como estilo de vida, isso não significa se alienar do mundo, se envolvendo num universo particular distante de todo o resto. O capoeirista adquire meios de enxergar, analisar, questionar e entender o mundo, sendo que esse mundo muitas vezes é o capoeirista. Porque à medida que o capoeirista vai se inserindo na capoeira, evoluindo tecnicamente, amadurecendo em idade, os outros elementos performativos da capoeira, além da obviedade do jogo, também passam a se fazer mais presentes, é a capoeira se inserindo nele, fazendo dele um ser capoeirista.

Assim, vimos que as dimensões da política, da pedagogia e do conhecimento de si estão presentes na prática da capoeira, proporcionando ao praticante visão autocrítica, autoconhecimento, mas se opondo à existência isolada do mundo. Pelo contrário, a capoeira promove de muitas maneiras o contato com o outro e o aprendizado da malícia do jogo das relações numa sociedade historicamente racista e desigual. Que as relações com professores e mestres, utilizando-se de técnicas específicas, faz parte do processo formativo que a capoeira realiza. Além disso, ela cumpre uma função ligada à saúde e autoproteção, uma forma de cuidar do próprio corpo/mente e uma forma de defesa pessoal.

Uma ideia marcante nas narrativas de nossos interlocutores é a afirmação da capoeira como filosofia de vida, estilo de vida, escola de vida. Apoiado nessas narrativas e nos estudos de Foucault (1992, 1997, 2004, 2016) e de Capoeira (1981) entendemos que as performances da capoeira podem ser entendidas como uma filosofia sendo vivenciada na prática, motivando o indivíduo a pensar sobre si mesmo, sobre como transformar sua forma de viver em algo que possa se opor às práticas

coercitivas e construir possibilidades de liberdade, isto é, a capoeira produzindo subjetividades em seus praticantes. O ato de ponderar sobre suas próprias ações, a relação consigo mesmo, com as pessoas e a sociedade em que vive, leva-o a decidir-se sobre uma vida que possa prezar pela liberdade e pela ética como uma arte da existência.

Portanto, a filosofia da capoeira é a maneira como o capoeirista encara a vida, é a forma como ele aprende a se relacionar com as dificuldades que a vida de um modo geral apresenta (Capoeira, 1981). O capoeirista, muitas vezes, da mesma forma como se estivesse numa roda, em alguns momentos está só se esquivando dos golpes e adversidades da vida, outras vezes prontamente atacando, respondendo não com esquivas, mas com contra-ataque, floreando, brincando, mas devendo sempre manter sua atenção, comprando ou finalizando um jogo, recomeçando se preciso for, inclusive, fazendo bom uso dos conhecimentos que ele próprio já adquiriu, seja por suas experiências ou pela boa orientação dos mestres.

Referências

CAPOEIRA, Nestor. **O Pequeno Manual do Jogador de Capoeira**. Rio de Janeiro: Ground Editora, 1981.

CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou**. Rio de Janeiro: ArteHoje Editora, 1985.

CARVALHO, Paulo César Valadares. **Capoeira arte-luta uma abordagem pedagógica**. Teresina: Abadá Edições, 2010.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de si. *In*: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Passagem, 1992, p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Organização Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do College de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade**: curso no College de France (1980-1981). Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**: O Reinado no Rosário do Jatobá. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Leda Maria. Oralitura da Memória. *In*: FONSECA, Maria de Nazareth Soares (Org.). **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 61-86.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Da Filosofia ao Mito: trajetória de uma filosofia da educação com base na experiência africana. *In*: MATTOS, Kelma Socorro Lopes de (Org.). **Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola a Favor da Diversidade**. Fortaleza: UFC, 2003, p. 292-305.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, Alessandro. História Oral Como Gênero. **Projeto História**, São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun. 2001.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

ROSE, Nikolas. **Inventando Nossos Eus**. Nunca Fomos Humanos Nos Rastros do Sujeito. Tradução e Organização Tomás Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negra Instituição**: Os Capoeiras no Rio de Janeiro (1850-1890). Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1993.

THOMPSON, Paul. História Oral e Contemporaneidade. **História Oral**, v. 5, p. 9-28, jul.-dez. 2002.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Feenrich. São Paulo: Cosac y Naify, 2014.